

Apresentação

Dossiê: Profetismo e política

Presentation

Dossier: Prophetism and politics

João Luiz Correia Júnior*

O profetismo bíblico tem como característica mais forte da missão o engajamento político que se expressa por meio da inserção na luta pelo bem comum. No centro dos oráculos proféticos estava a mensagem direta de um Deus surpreendente, que foi se revelando como Senhor Justo e Misericordioso ao povo de Israel. Segundo a Teologia do livro do Êxodo, esse Deus “viu a miséria” dos ancestrais escravizados em trabalhos forçados no Egito, “ouviu seu grito” por causa da exploração econômica dos opressores, e “conhece as suas angústias” sob essa dura opressão (Ex 3,7).

Os profetas e profetisas de Israel como Débora, Amós, Isaías, Jeremias e tantos outros, animados por essa consciência ético-religiosa, são porta-vozes da vontade de Deus. Denunciam os abusos da classe dominante sobre camponeses, assalariados, estrangeiros, endividados, enfim, sobre todas as pessoas cujos direitos estavam sendo suprimidos por conta da ganância econômica opressora e do poder político corrupto.

Situado no contexto histórico sociopolítico da luta pela justiça social, além de protestar contra a exclusão econômica da qual era vítima parte significativa do povo, o profetismo bíblico chega a criticar veementemente todo tipo de ritualismo religioso que, desprovido de comprometimento ético, era um insulto ao Senhor Deus do Direito e da Justiça.

Isso fica claro logo no primeiro capítulo do livro do Profeta Isaías, onde está escrito que para agradar a Deus não basta simplesmente cultuá-lo em belas celebrações religiosas alienadas e alienantes dos problemas sociais. O que realmente agrada a Deus é buscar o direito, corrigir o opressor, fazer justiça ao órfão, defender a causa da viúva (Is 1,17). Nessa linha, a crítica à classe dirigente detentora do poder político opressor é bastante dura: “Teus príncipes [principais dirigentes] são rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos e correm atrás de presentes. Não fazem justiça ao órfão, a causa da viúva não os atinge” (Is 1,23).

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Professor da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil. E-mail: joao.correia@unicap.br.

Não é de se estranhar que o engajamento político do profetismo esteja marcado pelo conflito com o poder econômico, com a classe política subserviente ao poder econômico, e com a classe religiosa a serviço desses poderosos. A simples presença dos profetas e profetisas nas aldeias e vilarejos demarca não só o lado que assumem na sociedade, como também de onde provém a sua força política.

É a partir desse lugar existencial de luta pela sobrevivência que os profetas e profetisas tornam-se intermediários para que Deus fale por meio de seus gestos simbólicos e de suas palavras. Desse modo, participam ativamente das grandes crises da história, tais como no estabelecimento das dinastias de Saul e Davi, no grande cisma após a morte de Salomão, na sucessiva derrubada das dinastias do Reino do Norte e na queda do Reino do Sul, posteriormente.

Pode-se inferir, portanto, que o modo como se dá a ação dos profetas e profetisas na Bíblia foi e continua sendo uma forte interpelação à prática política motivada pela fé no Deus Justo e Misericordioso. É também uma evidente crítica à prática religiosa alienante e alienada dos problemas sociais, circunscrita a ritualismos que podem até anestesiar momentaneamente o sofrimento, mas não conduzem à experiência do Deus da Vida que toma partido dos pobres.

Esse é o mesmo Deus a quem Jesus chamava de *Abbá*, Paizinho, em profunda intimidade familiar e afetiva, que o motivou à experiência radical de compaixão solidária com a causa das multidões abandonadas “como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

Daí o potencial revolucionário que tem o discipulado missionário de Jesus ainda hoje, quando não se contenta apenas com o ritualismo estéril circunscrito ao ambiente religioso, e se insere no meio das multidões insatisfeitas com os impérios deste mundo, colaborando para que, a partir delas, tome forma na história a “nova sociedade” que os Evangelhos intitulam de “Reino de Deus”.

É nesse ambiente de reflexão que está inserida a Revista Estudos Bíblicos sobre “Profetismo e Política”, com os seguintes artigos:

O confronto entre Amós e Amasias: crítica à instrumentalização do discurso religioso a serviço da opressão, de Aíla Luzia e Francisco Cornélio. Esse artigo aborda as questões centrais da disputa entre o profeta Amós e o sacerdote Amasias. O que, a princípio, parecia um conflito de autoridade, na verdade mostra-se uma questão bem mais complicada: uma disputa de teologias que se sustentam sobre imagens do Deus de Israel que não são coincidentes.

O profetismo israelita frente à prática do uso da balança falsa, de Raimundo Alves Martins. Por meio de fontes bibliográfica e de perícopes bíblicas, o autor tem como objetivo identificar e demonstrar fragmentos da estreita relação entre a balança falsa e a atuação de comerciantes e mercadores. Isso ocorria mesmo diante dos duros oráculos que eram proferidos por parte dos profetas. Profetas como Miqueias e Amós tiveram uma relação conflituosa com aqueles israelitas (cidadãos comuns, comerciantes, religiosos) que mantinham essas práticas indevidas.

O Espírito de Iahweh e sua relação com a justiça social em Miqueias 3,5-8, de Sandra Morais Ribeiro dos Santos e Luiz Alexandre Solano Rossi. O presente estudo tem como proposta refletir a mensagem profética de Miqueias a partir de uma perspectiva exegética e teológico-pastoral, dado à relevância para a atualidade, a partir da defesa dos mais fragilizados e oprimidos da sociedade na busca de ações libertadoras e solidárias em favor da justiça social e da dignidade humana.

Um Messias de guerra ou de paz? As contradições e a polifonia em Miqueias 5,4-14 à luz da retórica e da teologia do livro, de Fabrizio Zandonadi Catenassi, Ildo Perondi. A proposta do artigo é discutir o conteúdo teológico de Mq 5,4-14, um julgamento implacável de Deus, a partir do estudo da estrutura retórica do livro. Para os autores, um olhar literário considerando o enraizamento histórico dessa profecia pode ajudar a esclarecer o arranjo final das ameaças e oráculos de castigo, descritos de maneira viva e contundente. A paz não é a ausência da guerra; implica responsabilidade pessoal na construção de um novo mundo e a luta pela construção de novas relações.

Da periferia pode vir algo de bom? Dialogando com Mc 6,1-6. De José Maria Ferreira de Oliveira e Adriana Motta Gonzaga. O presente artigo apresenta uma interessante abordagem sobre o tema profecia e política a partir da perícopes do Evangelho segundo Marcos que narra dificuldades do ministério de Jesus em Nazaré. A escolha pelo tema é justificada pelo cenário atual em que o discurso extremista conservador ganha destaque, numa permanente disseminação de espiritualidades alienantes e alienadoras, verdadeiras teias que se comunicam e se sustentam a partir da práxis da indiferença social, do ódio coletivo, da intolerância que se desdobra no culto à morte.

Profecia bíblica e anarquismo na Tanakh, de Álvaro César Pestana. Segundo o autor, o objetivo deste artigo é observar a presença de discursos que podem ser classificados como anarquistas e anti-monarquistas em toda a Tanakh. Esse tipo de pensamento anarquista entre os profetas hebreus muitas vezes se manteve em tensão com a monarquia, corrigindo seus excessos. O pensamento anarquista e sua lógica da liberdade, igualdade, fraternidade, cooperação e cooperativismo fazem parte do eterno arsenal dos profetas de todas as épocas em busca de uma sociedade mais justa, menos opressiva e mais próxima das utopias de todos os grandes pensadores da humanidade.

Jerusalém, cidade dos profetas, de Claudio Vianney Malzoni. Segundo o autor, a finalidade do texto é sublinhar a atuação política de três grandes profetas que viveram em Jerusalém: Isaías, Jeremias e Ezequiel. O que haveria em comum entre o posicionamento deles a respeito de Jerusalém é o anúncio de que a salvação para a cidade estava na fidelidade à palavra de YHWH por meio da prática da justiça. O que há em desacordo diz respeito ao discernimento que eles fizeram da situação pela qual a cidade passava na época de cada um deles.

Na seção de Temática livre, Rodrigo Favero Celeste assina o artigo *A Leitura Orante da Bíblia como recurso pedagógico da Iniciação à Vida Cristã: o subsídio “No Caminho com Jesus” da Arquidiocese de Londrina*. O autor apresenta parte da caminhada da Animação Bíblico-Catequética arquidiocesana, que estruturou a obra “No Caminho com Jesus” para fomentar uma catequese de inspiração catecumenal, de forma a colocar a Bíblia como centro para a jornada de iniciação cristã.

Que o presente dossiê da Revista Estudos Bíblicos inspire novos aprofundamentos e reflexões sobre a interface profecia e política, temática tão relevante para o tempo que se chama hoje.